

# A CORRELAÇÃO ENTRE FALTA DE INTERATIVIDADE E EVASÃO EM CURSOS A DISTÂNCIA

Maio/2009

Lauren Fontes Jensen  
Universidade de Brasília - CEAD - [laurenfjensen@gmail.com](mailto:laurenfjensen@gmail.com)

Onília Cristina de Souza de Almeida  
Universidade de Brasília - CEAD - [onilia.almeida@gmail.com](mailto:onilia.almeida@gmail.com)

Pesquisa e Avaliação  
Educação Universitária  
Relatório de Pesquisa  
Investigação Científica

## RESUMO

*Este trabalho teve como objetivo geral analisar a correlação entre a falta de interatividade em curso a distância e o aumento no índice de evasão, tema proposto na monografia do curso de Especialização em Educação a Distância, do Centro de Educação a Distância da Universidade de Brasília. Na primeira parte quantitativa, foram analisados os dados estatísticos e a participação dos alunos desistentes nos fóruns. Na abordagem qualitativa, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo dos motivos de desistência. Os questionários foram aplicados via Web. Participaram da pesquisa um grupo de alunos desistentes do curso de Pedagogia da Universidade Aberta do Brasil, coordenado por uma Instituição de Ensino Superior Pública Federal. Na análise de conteúdo foi possível dividir os motivos relatados em dois fatores - endógenos e exógenos. Nesse estudo as principais justificativas para desistência foram: falta de tempo, problemas pessoais, dificuldade em operar na plataforma do curso, dificuldade de acesso ao material didático e fundamentos teóricos distantes das necessidades das escolas do interior do país.*

Palavras-chave: Evasão – Educação a Distância – Interatividade.

## 1. Evasão em Educação a Distância

A evasão em cursos a distância é um problema real e preocupante, diversos são os fatores que podem levar o aluno a desistir do curso. Muitos autores tentam definir evasão. Vargas [1] destaca que cada autor propõe uma definição para o conceito de evasão cuja amplitude pode variar em razão dos critérios escolhidos para caracterizar os processos de entrada e de saída dos alunos dos eventos instrucionais. A autora analisou algumas definições de

evasão encontradas na literatura, variando na amplitude do conceito. Vargas conclui que, para alguns autores a evasão é considerada como a saída definitiva do aluno do curso antes mesmo de iniciá-lo (Maia e Meireles, 2005) ou em qualquer etapa de realização do mesmo (Abbad, Carvalho e Zerbini, 2005).

Diversos são os motivos que podem levar os alunos a desistência em cursos a distância. Tais como: a) falta de tempo para realizar as tarefas; b) horas de trabalho, que deixam o aluno cansado e desestimulado ao estudo; c) compromissos familiares; d) não dominar a tecnologia para o uso da plataforma, em cursos oferecidos pela internet; e) falta de interatividade no curso, que faz com que o participante sinta-se solitário, sem ter com quem discutir os assuntos propostos. Como podemos observar temos fatores relativos ao aluno e fatores relativos ao curso. Essa questão nos leva a refletir, um curso precisa ser bem planejado para que atenda as expectativas de seu público alvo, caso contrário, os índices de evasão, podem se tornar elevados.

Para Ataíde [2] citando Gaioso (2005), no contexto brasileiro, a evasão escolar é entendida como interrupção no ciclo de estudo, causando prejuízos significativos sob o aspecto econômico, social e humano em qualquer que seja o nível de educação.

Assim sendo, emerge outra questão, na modalidade a distância, um curso deve ter seu sucesso ou insucesso medido apenas pelo índice de evasão? De acordo com Ramble [3], essa questão é apenas uma meia-verdade e que a evasão deve ser avaliada com muito cuidado. Diversos são os fatores relativos ao curso que podem influenciar o aluno a desistência de um curso. O autor acrescenta, muitos alunos que estudam a distância optam por fazer um curso sem, necessariamente, planejarem cumprir todas as atividades ou avaliações exigidas. Para Coelho [4] as principais suposições sobre a evasão nos cursos a distância são:

- a falta da tradicional relação face-a-face entre professor e alunos, pois neste tipo de relacionamento julga-se haver maior interação e respostas afetivas entre os envolvidos no processo educacional;
- insuficiente domínio técnico do uso do computador, principalmente da internet. A falta de habilidade em lidar com as novas tecnologias pode criar dificuldades em acompanhar as atividades propostas pelos cursos a distância como: receber e enviar *e-mail*, participar de *chats*, de grupos de discussão, fazer *links* sugeridos, dentre outros;
- ausência de reciprocidade da comunicação, ou seja, dificuldades em expor idéias, numa comunicação escrita a distância, inviabilizando a interatividade;
- a falta de um agrupamento de pessoas numa instituição física, construída socialmente e destinada muitas vezes, à transmissão de saberes. Assim como ocorre no ensino presencial tradicional, faz com que o aluno de EAD não se sinta incluído num sistema educacional.

Para reduzir os problemas de domínio dos recursos tecnológicos, algumas instituições oferecem um treinamento prévio, uma aula presencial para apresentarem aos participantes a plataforma do curso. Não podemos esquecer que, alguns alunos até possuem toda essa tecnologia a sua disposição, mas se tornam os chamados “analfabetos digitais”, pois não fazem uso de forma efetiva da tecnologia que está ao seu alcance.

Romão [5] destaca, na atualidade, a Educação Superior tem como desafio não apenas criar uma comunidade conectada na rede, mas criar formas de relações educativas de modo que tal comunidade faça a passagem da informação para o conhecimento, do conhecimento existente para o conhecimento ainda não existente. Não basta, portanto, comemorar o crescente número de acesso ao computador por meio de seu principal fenômeno – a internet, mas os fins dessa conexão. Se é certo que a internet é tida como uma tecnologia sem fronteiras e de longo alcance, é (in)certo, porém, garantir que, por meio dela, “qualquer aluno pode realizar o curso em qualquer lugar do mundo,” bastando que esteja “conectado na rede”.

Analisando a literatura sobre educação a distância, Moura-Walter [6], afirma que existe uma escassez de estudos sobre evasão, apesar dos índices serem elevados. A autora constatou a necessidade de construção de modelos para investigar variáveis preditoras de evasão em cursos a distância.

Assim, emergem algumas questões: porque tal assunto não tem a importância que merece? Será que as instituições de ensino estão querendo camuflar a qualidade de seus cursos a distância? Em geral, a má qualidade de um curso, seja ele a distância ou presencial, tem como termômetro indicador, os altos índices de evasão.

A evasão na educação é um importante fator de investigação para conhecer suas causas e buscar redução dos seus índices.

Para essa pesquisa foi considerada como evasão, os alunos que se matricularam, acessaram o ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e em algum momento desistiram do curso.

## **2. Interatividade na Educação a Distância**

Segundo Silva [7] interatividade é a disponibilização consciente de um *mais comunicacional* de modo expressivamente complexo, ao mesmo tempo atentando para as *interações* existentes e promovendo mais e melhores *interações* – seja entre usuário e tecnologias digitais ou analógicas, seja nas relações “presenciais” ou “virtuais” entre seres humanos.

Como se pode verificar, a interatividade na educação é extremamente importante, tanto na educação presencial como a distância. A comunicação entre aluno e professor e entre os alunos faz com que o aprendizado torne-se mais agradável e interessante. Nos dias de hoje, com tantos avanços tecnológicos, essa comunicação pode ocorrer de diversas maneiras, no uso da internet através de *e-mails*, grupos de discussão. A comunicação pode ser síncrona e assíncrona entre as pessoas. Porém, a falta dessa comunicação, principalmente em cursos a distância, pode fazer com que o aluno sinta-se solitário ou abandonado pelo seu professor, podendo assim, provocar a desistência do curso.

Silva afirma que, muitos educadores já perceberam que a educação autêntica não se faz sem a participação genuína do aluno, que a educação não se faz transmitindo conteúdo de A para B ou de A sobre B, mas a interação de A com B. No entanto, esta premissa ainda não mobilizou o professor diante da urgência de modificar o modelo comunicacional baseado no falar-ditar do mestre que se mantém inarredável na era digital. Na sala de aula presencial tradicional prevalece a baixa participação oral dos alunos e a insistência nas atividades solitárias. Na educação a distância via TV o perfil comunicacional da

“telessala” ou da “teleaula” se mantém em grande parte centrado na lógica da distribuição, na transmissão massiva de informações ou “conhecimentos”. Cabe destacar que, via internet, alguns *sites* educacionais continuam estáticos, subutilizando a tecnologia digital, ainda centrados na transmissão de dados, excesso de textos sem a devida adaptação para EaD, desprovidos de mecanismos de interatividade e de criação coletiva.

Segundo Clementino [8], no que diz respeito à comunicação, embora o professor seja o responsável por promovê-la entre os participantes do curso, ele não deve ser o centro do processo de ensino aprendizagem. Os alunos devem ter autonomia para dar continuidade às discussões, ou mesmo promover novas. Além disso, a participação democrática dos alunos significa também a partilha do poder. Eles devem participar de julgamentos e decisões sobre o que deverá ser aceito ou rejeitado de uma determinada situação que lhes diga respeito. Dividir o problema com os alunos, e chamá-los a participar das decisões, é um meio de fortalecer a comunidade de aprendizagem, e mostrar que o desenvolvimento do grupo e o bom andamento do curso é responsabilidade de todos os participantes.

O autor acrescenta ainda, na EaD, como uma das formas prioritárias de conexão com os participantes se dá por meio das palavras em uma tela, diferentes formas de comunicação e interação devem ser pensadas, para minimizar as possíveis dificuldades sentidas pelos alunos calouros: a distância física do grupo e do professor; sentir-se sozinho com o computador; tempo de espera em aguardar as respostas as suas perguntas, dentre outras.

Embora a tecnologia seja importante e esteja ganhando cada dia mais espaço em diferentes meios de estudo e trabalho, Silva [7] enfatiza, o essencial não é a tecnologia, mas um novo estilo de pedagogia sustentado por uma modalidade comunicacional que supõe interatividade, isto é, participação, cooperação, bidirecionalidade e multiplicidade de conexões entre informações e atores envolvidos. Mais do que nunca o professor esta desafiado a modificar sua comunicação em sala de aula e no pensar a educação. Isso significa modificar sua autoria enquanto docente e inventar um novo modelo de educação.

Analisando os relatos dos alunos de um curso de Capacitação de Tutores, Clementino [8] relata que, a interação estabelecida entre os participantes foi um dos grandes fatores motivacionais do curso. Dentro desse mesmo processo de interação, acrescenta, os alunos indicaram os *feedbacks* e o atendimento personalizado como diferenciais, conforme verbalização “humanizaram o processo de ensino aprendizagem”. Nessa linha de raciocínio, o Ciberespaço está modificando as relações. Novos comportamentos estão surgindo, e as pessoas sentem-se conectadas com o mundo, mesmo que seja através do computador.

### **3. Aspectos Metodológicos**

A classificação da pesquisa teve como base a taxionomia de Vergara [9], qualificada em dois aspectos: quanto aos fins, descritiva, exploratória e explicativa e quanto aos meios, bibliográfica para fundamentação teórico-metodológica. O estudo foi desenvolvido em três etapas:

- Primeira parte Quantitativa - para mapear e identificar a intensidade de interatividade do aluno com o curso. Foi realizado um levantamento na Plataforma Virtual de Aprendizagem (AVA) do curso de Pedagogia, para

análise do número de vezes que o aluno participou dos fóruns, quantidade de trabalhos em grupo e número de atividades entregues, em cada uma das 8 disciplinas ofertadas num semestre. Para completar a segunda parte, foi enviado um questionário via e-mail para os 24 alunos desistentes, desses 12 responderam (50%), devido ao tamanho do arquivo, não foi possível realizar uma análise estatística multivariada e sim, uma análise descritiva e exploratória dos dados utilizando o software SPSS 14.

- Terceira etapa Qualitativa - uma questão aberta para os relatos dos motivos da desistência dos alunos, o que possibilitou a análise de conteúdo das categorias emergentes (fatores exógenos e endógenos).

Foi investigada a evasão do curso de Pedagogia de uma Universidade Pública Federal, participante do programa Universidade Aberta do Brasil (UAB). Do total de 135 alunos matriculados em 2007, 24 alunos desistiram (18%) no primeiro semestre. Porém, participaram dessa pesquisa, 12 alunos (50% dos desistentes).

Faixa Etária	%	Estado Civil	%	Tempo sem estudar	%	Carga Horária Semanal Trabalho	%
18 a 29 anos	16	Solteiro	25	Até 3 anos	50	20 horas	25
30 a 40 anos	42	Casado	50	4 a 6 anos	16,7	40 horas	50
41 a 60 anos	42	Outros	25	Acima 6 anos	33,3	Acima de 40 horas	25

**Tabela 1** – Distribuição dos participantes segundo faixa etária, estado civil, tempo sem estudar e carga horária semanal de trabalho.

Conforme a tabela 1, a faixa etária predominante dos participantes da pesquisa estava entre 30 a 60 anos (84%), em geral, os alunos mais velhos, por terem mais obrigações em determinadas situações, priorizam as questões familiares, nessa situações podem desistir dos cursos a distância. A maioria casados (50%), a maior parte dos alunos ficaram até 3 anos sem estudar (50%) e a maioria tinha uma carga horária semanal de trabalho de 40 horas (50%). Vale destacar que, pesquisas têm demonstrado que conciliar estudo, trabalho e família ainda são uma das grandes dificuldades encontradas pelos alunos de cursos a distância.

#### 4. Análise dos Dados – Participação nos fóruns

Como já foi dito anteriormente, a primeira parte da pesquisa quantitativa verificou a intensidade de interatividade dos alunos, através de fóruns de discussão, trabalhos em grupo e chat's. Foram pesquisadas 8 disciplinas. Cabe destacar que, apenas a disciplina F ofereceu trabalhos em grupo e participação em chat's de discussão com as tutoras. Quanto a disciplina H não foi possível realizar o levantamento pois seus dados não estavam acessíveis. Como pode ser observado no quadro 1, a opção 0 participações, apresenta o maior número de alunos em 5 das 7 disciplinas.

Disciplina	Nº Fóruns	Número de Participações nos fóruns			
		Nenhuma	De 1 a 4	De 5 a 8	De 9 a 12
A	9	9	9	4	1
B	2	18	5	0	0
C	10	9	9	4	1
D	8	11	7	4	1
E	6	19	4	0	0
F	10	15	6	1	1
G	4	17	5	1	0

**Quadro 1** – Número de fóruns e número de participações nos fóruns por disciplina.

Esse resultado confirma, os alunos desistentes utilizaram pouco esse tipo de recurso interativo. Para Cavalcanti [10] o aluno que nunca participou dessa modalidade de ensino, pode experimentar sentimentos de isolamento e confusão. Isso acontece porque o aluno muitas vezes está acostumado com o ambiente de sala de aula presencial, quando pode interagir com os colegas e professor e tirar suas dúvidas.

A segunda parte da pesquisa quantitativa, contou com a análise dos dados do questionário enviado aos desistentes, sintetizadas em 8 dimensões:

Dimensões	Resultados e discussões
<b>1. Fatores Dificultadores</b>	Relataram “dificuldade em cumprir o curso dentro dos prazos”, uma média boa (m= 3,92 - 91 a 100%). Almeida [11] citando Carr (2000), afirma que, o horário de trabalho e a possibilidade de continuar atendendo a família são elementos preponderantes na decisão do aluno permanecer matriculado em um curso a distância. Por outro lado, esses mesmos elementos de conveniência que atraem o aluno para estudar a distância podem se tornar fatores estimuladores à evasão.
<b>2. Planejamento e organização</b>	Os alunos indicaram, “procurei conciliar a minha participação no curso com outras atividades de estudo e/ou trabalho”, teve uma boa média (m=3,83). Em pesquisa realizada por Almeida [11], a não conclusão do curso está relacionada principalmente, a falta de tempo para realizar as tarefas do curso, 35% alegaram esse motivo.
<b>3. Orientação acadêmica</b>	O item, “tive apoio do tutor/professor”, obteve a uma média regular (m=3,67 , sendo 71% a 74%). Em estudo realizado por Santos <i>et all</i> [12], os pesquisadores identificaram como causas de evasão a falta de acompanhamento do professor-tutor e falta de apoio/incentivo institucional. Nos seus achados, alunos indicaram a necessidade de maior contato com o professor-tutor e disponibilização de professores para atendimento no pólo. Os autores afirmam que o curso já oferece aulas presenciais. Logo, pode-se observar um contra-senso, pois aluno de EaD deveria ter mais autonomia para conduzir suas atividades e deveriam explorar mais as tecnologias para comunicar-se com os professores e tutores.
<b>4. Domínio do conteúdo e habilidades</b>	A questão, “dominava as habilidades ensinadas no curso antes mesmo de iniciá-lo”, teve média ruim (m=2,50 - 41% a 60%). Segundo Almeida [11] <i>apud</i> Kennedy e Powell (1976), a maioria dos alunos desistentes traz uma história de desmoralização e de fracasso educacional, causando sentimento de insegurança e inferioridade, afetando sua auto-estima, por serem colocados à prova numa realidade diferente e nova.
<b>5. Nível de satisfação</b>	O item, “fiquei satisfeito(a) com a estrutura do pólo presencial”, atingiu uma boa média (m=3,92 - 75% a 90%).
<b>6. Estímulo para o estudo</b>	O item, “fui incentivado pela minha família a realizar o curso”, teve uma ótima média (m=4,50 - 91% a 100%).
<b>7. Avaliação da participação virtual e presencial</b>	A questão, “particpei dos encontros presenciais no pólo”, teve uma média regular (m= 3,17 - 71% a 74%). Em pesquisa realizada por Lawisncky <i>et all</i> [12] apesar dos diferentes níveis de adaptação ao AVA, todos foram unânimes em afirmar que, as atividades de chat, a troca de e-mails (ambas que demandam uma maior integração social) e, principalmente, o <i>feedback</i> do professor, foram imprescindíveis para sua maior interação e motivação dentro do ambiente virtual. Portanto, essa questão ressalta a importância da interação dos alunos com seus colegas e tutor na plataforma do curso.
<b>8. Condições de estudo do aluno</b>	Na questão, “qualidade de conexão de acesso a internet, teve a maior média (m=4,58 - 91% a 100%). Isso mostra que os recursos tecnológicos da maioria dos alunos estava de acordo com a necessidade do curso. No perfil dos participantes da pesquisa foi possível constatar que 100% dos desistentes possuíam computador e internet em sua residência. Foi possível também verificar que 83,30% sabem utilizar fóruns de discussão, 31,70% e-mail e 91,70% internet.

Quadro X: Dimensões avaliadas pelos desistentes

## 5. Análise de Conteúdo dos Motivos de Desistência

As respostas da questão aberta não permitiram a utilização da técnica de análise de conteúdo em amplitude, uma vez que a quantidade de texto produzida pelos alunos não foi suficiente. Dessa forma, optou-se em categorizar apenas os motivos recorrentes de todos os participantes para reforçar os resultados quantitativos. Os quadros 2 e 3 apresentam os principais fatores relatados pelos alunos.

Fatores endógenos (do aluno)
<b>Definição:</b> relatam problemas pessoais, dificuldades financeiras, dificuldade em assimilar as disciplinas, dificuldade em operar na plataforma do curso, falta de tempo, distância do pólo presencial.

Quadro 2 – Fatores Endógenos.

Segundo Kennedy e Powell (1976) citado por Cookson [14], a evasão é um fenômeno causado primariamente pela combinação de características dos alunos e suas circunstâncias de vida. Características pessoais que tendem a mudar de forma mais lenta incluem: motivação, estágio de desenvolvimento adulto, nível de escolaridade, personalidade, atitude e auto-conceito de educação. As circunstâncias da vida que podem mudar mais rapidamente incluem mudanças na ocupação profissional, relacionamento com os pares e com os familiares, saúde, finanças e suporte da instituição que oferece o curso a distância. Os autores explicam, o aluno que estuda a distância tem dificuldade em manter as pressões da sua vida em equilíbrio: pressões que emergem do seu trabalho, da sua família, das atividades do curso e das possíveis variações de sua própria personalidade.

Galusha [15] ressalta que a falta de treinamento, particularmente referente às questões tecnológicas, é uma grande barreira para os alunos que estudam a distância. Muitos alunos adultos não estão bem preparados para usar uma tecnologia como computadores e internet, o que pode contribuir para excluir os indivíduos que não possuem habilidades escritas ou de domínio do computador.

Em pesquisa realizada por Almeida [11], os resultados indicam que o item problemas pessoais é o mais representativo fator de desmotivação, claramente mencionado por 73 dos 170 alunos respondentes da pesquisa. 43% alegaram que a não conclusão do curso está relacionada com a falta de tempo para a realização das tarefas. Foram registrados constrangimentos pessoais importantes, tais como a perda de emprego, além de problemas familiares, especialmente de saúde, viagens e separação conjugal. Todos esses motivos, certamente, acarretam grande dificuldade para a conclusão do curso.

Fatores exógenos (da instituição)
<b>Definição:</b> relatam problemas de contato com os tutores, via <i>e-mail</i> e telefone, dificuldade de acesso ao material disponibilizado pelos tutores e dificuldade de acesso a material didático fora do ambiente virtual, plataforma de informática deficiente, muito improvisado nos encontros presenciais, falta de integração da universidade com as necessidades locais e com a qualidade da educação, o curso possui muita carga filosófica para pouco suporte técnico, fundamentos teóricos distantes da necessidade das escolas do interior do país, tempo de duração do curso, o curso deveria ser totalmente a distância e o curso deveria ter trabalhos só individuais ou trabalhos em grupo apenas nos encontros presenciais.

Quadro 3 – Fatores Exógenos.

Hricko [16] e Harasim [17], falam sobre a importância do papel do professor-tutor nos cursos a distância. Destacam que a aprendizagem em grupo online exige que o professor desempenhe um papel de facilitador,

observador e monitor, para auxiliar o aluno no processo de interação, além de prestar, em tempo hábil, as informações necessárias.

## 6. Considerações Finais

O estudo procurou identificar os motivos de desistência, relatados pelos alunos evadidos e analisar os fatores que provocaram o fenômeno. A pesquisa mostrou que a pouca interatividade dos alunos evadidos pode ter sido um fator relevante para a evasão.

Nas sete disciplinas avaliadas em relação à participação nos fóruns, a opção “zero participações” teve o maior percentual e a opção “9 a 12 participações” apresentou o menor percentual. Esses resultados mostram que os alunos tiveram uma baixa interatividade nos fóruns de discussão na plataforma do curso. Esse fato pode ter feito com que os alunos tenham se sentido sozinhos, não tendo com quem trocar idéias a respeito das disciplinas.

Quanto às tarefas entregues, em seis disciplinas a opção “zero tarefas entregues” teve o maior percentual, somente em uma disciplina a opção “1 a 5 tarefas entregues” apresentou um percentual maior, 61%. A falta de tempo para cumprir o curso dentro dos prazos, relatado por 75% dos alunos, com certeza, demonstra a falta de habilidade para organização dos estudos a distância. Talvez uma revisão no período de duração das disciplinas e prazos para término do curso possa fazer com que esse item não seja mais visto como um dificultador e motivo para evasão.

Outro fator identificado que apenas a disciplina “F” ofereceu aos alunos trabalhos em grupo e *chat* de discussão com os tutores. Esse fato mostra que a interatividade entre os alunos, na maioria das disciplinas, não foi utilizada como estratégia. O que poderia amenizar o problema. Maior presença de trabalhos em grupo, fóruns de discussão que estimule a construção colaborativa do conhecimento não requerendo a conexão simultânea dos alunos na plataforma, assim como os *chats*, podem fazer com que os alunos tenham com quem discutir suas dúvidas e trocar idéias.

Na pesquisa observou-se que metade dos alunos desistentes não tinha experiência anterior em EaD. Fornecer informações aos alunos, antes que os mesmos decidam participar de um curso a distância, é fundamental. Mostrar a importância de desenvolver as habilidades no uso das tecnologias, em ter acesso aos recursos do computador e da internet, em saber utilizar fóruns de discussão, *chats* e outros meios usados pelo curso.

Desse modo, pode-se diminuir o índice de evasão evitando que o aluno tenha contato com algo desconhecido para ele, como em muitos casos o uso da internet, e isso venha a dificultar sua participação e conclusão do curso.

Nesse sentido, Litwin [18] chama atenção para o caso em que os usuários dos cursos a distância não tenham tido experiências prévias de estudo na modalidade. Para a autora, é imprescindível dar informações ao aluno do significado de estudar a distância e em que consiste o conteúdo dos cursos com maior clareza e precisão possíveis. Acrescenta ainda, o uso do suporte tecnológico para muitos usuários ainda é uma novidade. Portanto, a necessidade de ensinar a utilizar esses meios tecnológicos, orientando o aluno nos problemas iniciais e de organização dos estudos. Ou seja, independente de qual modalidade, é necessário preparar as audiências.

Trabalhar a gestão dos cursos de EaD é essencial. Um planejamento do curso focado no público alvo, um desenho instrucional facilitador, uma equipe

de profissionais bem entrosados, é preponderante para o sucesso de um curso a distância. O ideal seria atuar nos fatores de evasão dos cursos de EaD desde o planejamento até a sua conclusão.

O monitoramento constante de um curso a distância pela equipe de planejadores poderia apontar as falhas dos cursos e as dificuldades dos participantes, e assim, tentar minimizá-las quando da sua revisão. Tal ação pode identificar com antecedência os motivos que levam o aluno a desistir, e não apenas deixar essa tarefa nas mãos de professores e tutores.

A pesquisa das expectativas e necessidades do público alvo do curso é outro fator importante no seu planejamento. Conforme emerge do relato que diz “*fundamentos teóricos distantes da necessidade local das escolas do interior do país. Muita carga filosófica para pouco suporte técnico*”. Isso mostra que o curso necessita se adequar as regiões a que deseja atender.

O curso de Pedagogia da Universidade Pública Federal pertencente ao programa UAB, atende a diferentes regiões do país, cujos municípios têm necessidades distintas, fazendo com que os alunos não se adaptem a cultura da instituição federal, logo essas questões podem levar a desistência do curso. A reformulação de algumas disciplinas, adequando-as melhor ao ambiente virtual e à realidade local, pode fazer com que o curso atenda a expectativa dos participantes e torne-se mais atrativo.

Nosso país é imenso, possui diferentes necessidades, culturas, acesso a tecnologia e poder aquisitivo. Assim sendo, um curso que pretende chegar a diversos locais precisa construir um currículo flexível e adequado às necessidades de seus participantes.

## Referencias

[1] VARGAS, M. R. M. **Barreiras à implantação de programas de educação e treinamento a distância**. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2004.

[2] ATAÍDE, M.E.M. **A evasão em cursos a distância realizados por jovens e adultos com formação superior**. Trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação a distância. Universidade Católica de Brasília. Brasília-DF, 2006.

[3] RUMBLE, G. **The management of distance learning systems**. Paris: UNESCO: International Institute for Educational Planning. 1992.

[4] COELHO, M. L. **A FORMAÇÃO CONTINUADA DO DOCENTE UNIVERSITÁRIO EM CURSOS A DISTÂNCIA VIA INTERNET: UM ESTUDO DE CASO**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/seminario2003/texto06.doc>. Acesso em 08 mar.2006.

[5] ROMÃO, E. S. **O Retrato Falado da Educação a Distância: Influências Determinantes**. Universidade Tiradentes. Aracaju, SE, maio 2008. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/55200893229PM.pdf>

[6] MOURA-WALTER, A. **Variáveis preditoras de evasão em cursos a distância**. Dissertação mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2006.

[7] SILVA, M. **Sala de aula interativa a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande, MS. Setembro 2001.

- [8] CLEMENTINO, A. **Didática Intercomunicativa em Cursos Online Colaborativos. Relatório de pesquisa.** Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/55200851533PM.pdf> SP, 2008.
- [9] VERGARA, S.C. Começando a definir a metodologia. In: \_\_\_\_\_ **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000, cap. 4, p. 46-53
- [10] CAVALCANTI, C.M.C. **Interatividade em ambientes WEB – dando um toque humano a cursos on-line.** Disponível em <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=9779>. Publicado em 16/01/2006. Acesso abril, 2008.
- [11] ALMEIDA, O.C.S. **Evasão de cursos a Distância: validação de instrumento, fatores influenciadores e cronologia da desistência.** CEAD-UnB, Brasília-DF, 2007.
- [12] SANTOS, E. M. dos; TOMOTAKE, M. E.; NETO, J. D. O.; CAZARINI, E. W.; ARAÚJO, E. M. A.; OLIVEIRA, S. R. M. **Evasão na Educação a Distância: identificando causas e propondo estratégias de prevenção.** Congresso da ABED. Maio 2008. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/511200845607PM.pdf>
- [13] LAWISNCKY, F.M.; HAGUENAUER, C.; CORDEIRO, F.; VINICIUS, M. **Interação em ambientes virtuais de aprendizagem: análise de uma experiência no curso de pós graduação em lingüística aplicada.** Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/510200861738AM.pdf> Maio de 2008. Acesso outubro de 2008.
- [14] COOKSON, P. **Persistence in Distance Education.** In: M. G. Moore and others, eds., Contemporary Issues in American Distance Education. Oxford: Pergamon Press, pp. 193–97, 201–02, 203–04. 1990.
- [15] GALUSHA, J.M. Barriers to Learning in Distance Education. **Interpersonal Computing and Technology:** an electronic journal for the 21<sup>st</sup> century. 5 (3/4): 6-14, 1997. Disponível em: <http://www.infrastructure.com/barriers.htm>. Acesso: 20 Set. 2003.
- [16] HARASIM, L. (et al). **Redes de aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem on-line.** São Paulo: Editora Senac São Paulo. 2005.
- [17] HRICKO, M. Student Retention in Distance Education. In: PHILLIPS, V. **Motivating & Retaining Adult Learners On-line.** Disponível em: <http://www.geteducated.com/articles/JournalMotivateRetain.PDF>. Acesso em 22 abr.2006.
- [18] LITWIN, E. Desafios, recursos e perspectivas da educação a distância. **Pátio revista pedagógica**, v. 3, n. 9, p. 16-19, maio/jul. 1999.